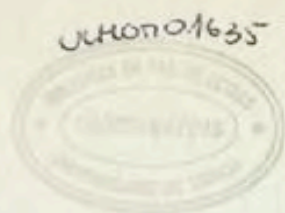




TEATRO



do Romantismo aos nossos dias: CENTO



*uma antologia
seleccionada, prefaciada e anotada
por*

LUIZ FRANCISCO REBELLO

PORTUGUÊS

E VINTE ANOS DE LITERATURA TEATRAL PORTUGUESA

TEATRO PORTUGUÊS

ESTA OBRA É UMA EDIÇÃO DO AUTOR ORGANIZADA GRAFICAMENTE POR VICTOR PALLA, DISTRIBUIDA PELO CIRCULO DO LIVRO, LDA. E COMPOSTA E IMPRESSA POR SCARPA, LDA., RUA DAS FLORES, 43, EM LISBOA. DELA SE FEZ UMA TIRAGEM ESPECIAL DE 90 EXEMPLARES, NUMERADOS DE I A XC (OS ÚLTIMOS DEZ FORA DO MERCADO), IMPRESSA EM OFF-SET 140, RUBRICADOS PELOS AUTORES E COM UMA GRAVURA DE AUGUSTO GOMES

★★

do Romantismo aos nossos dias

1870-1871

1872-1873

1874-1875

1876-1877

1878-1879

2.^o volume

Jorge de Sena

Nasceu em Lisboa, a 2 de novembro de 1919.

Obras principais: *Teatro* — Amparo de mãe, peça em um acto (in *Unicórnio*, 1951); *O Indesejado*, tragédia em 4 actos e em verso (1951); *Ulisseia adúltera*, farsa em um quadro (in *Tricórnio*, 1952). *Traduções* — *Jornada para a noite* (1957) e *Desejo sob os ulmeiros* (1959), de Eugene O'Neill.

Outras obras: *Poesia* — *Perseguição* (1942); *Coroa da Terra* (1946); *Pedra Filosofal* (1950); *As Evidências* (1955); *Fidelidade* (1958). *Ensaio* — *Floribela Espanca* (1947); *A Poesia de Camões* (1951); *Da poesia portuguesa* (1959).

Amparo de mãe, o acto de Jorge de Sena escolhido para figurar nesta antologia, desvela apenas uma das faces do seu teatro, em que a denúncia cruelmente sarcástica de uma ordem falsificada e contraditória (na medida em que finge desprezar aquilo que secretamente venera, e vice-versa) tem a sua contrapartida na lucidez trágica de que se acompanha a consciência da sua contraditória natureza. Assim, parecendo opor-se, na realidade se complementam esta breve farsa e a tragédia histórica *O Indesejado* — ambas situadas num tempo português cuja imobilidade os quatro séculos que medeiam entre a acção desta e a daquela não desmentem, antes dolorosamente confirmam. Essa fixidez de um tempo que só nas folhas dos calendários e na carne dos homens causa a sua efectiva passagem, demonstra-a ainda pelo absurdo a farsa *Ulisseia adúltera*, em que propositadamente se misturam várias épocas ead libitum, permutáveis entre si.

Nada tem, pois, de gratuito — muito pelo contrário — o humor negro de que se nutre a farsa antologizada: é ele que lhe permite assumir a função desmistificadora, paralela da catársis que através da tragédia se opera, sem a qual a comédia se degrada ao nível da anedota burlesca ou do entretem inconstante, como acontece quase sempre (o Doido e a morte e o Avejão serão outras excepções a esta regra de verificação constante) no teatro cómico português. Tanto bastaria para que o teatro de Jorge de Sena, apesar de ainda não representado (mas é evidente que a culpa disso não é imputável ao seu autor) não pudesse deixar de comparecer nesta antologia.

Jorge de Sena

A M P A R O D E M Ã E

Personagens:

BELINHA, a defunta; manequim que não fala.

D. FELISMINA, sua mãe, idade indecisa.

D. CASIMIRA, vizinha prestável, idade mais indecisa.

D. ROSA, parenta de D. Felismina.

D. CONCEIÇÃO, amiga de D. Felismina.

D. PLACIDIA, visita da casa.

D. EDWIGES, outra vizinha, pouco prestável.

ANINHAS, irmã de Belinha.

A cena representa uma dependência mobiliada modestamente, misto de casa de jantar a que foram retirados alguns móveis e de sala de visitas sem móveis. É de tarde, o sol teima em penetrar pelas janelas semi-cerradas. A defunta está entronizada a meio da quadra; em volta as senhoras velam, la-crimam e conversam. Da D para a E ou da E para a D, estão sentadas pela seguinte ordem: D. Edwiges, D. Placidia, D. Conceição, D. Casimira, D. Felismina, D. Rosa. As conversas ruem-se em voz baixa, e prosseguindo sempre, embora só se nouçam de quando em vez.

D. PLACIDIA (para D. Edwiges): Ai credol... Nem me digal...

D. EDWIGES: Que eu até julgo que eles não eram casados.

D. PLACIDIA: Lá isso eram. Posso garantir, que muito a pesar meu fui madrinha do casamento.

D. EDWIGES: A pesar seu?

D. PLACIDIA: A pesar meu. *(Suspira e cala-se; pausa.)*

D. EDWIGES: Minha senhora...

D. PLACIDIA *(fazendo esforços para nada dizer de importante)*: Está calor aqui... As janelas, neste tempo, assim fechadas... É preciso deixar uma gretinha... *(Para D. Conceição:)* Está bastante calor, não acha?

D. CONCEIÇÃO: Muito, minha senhora. *(Abana-se com as luvas.)* Também acho. *(Para D. Casimira:)* Que calor, não está?

D. CASIMIRA: Não sinto... É das janelas fechadas...

D. CONCEIÇÃO: Nem é saudável ter as janelas fechadas. Uma gretinha... ao menos...

D. CASIMIRA: Ai eu abri... Mas vou ver. *(Vai às janelas, arranja-as. As outras seguem-lhe os manejos com o interesse excessivo de quem está quieto por obrigação há eternidades. Volta ao seu lugar:)* Uma tinha, outra não tinha. *(Pausa.)* D. Felismina, ó D. Felismina...

D. FELISMINA *(rompendo em altissonante choro)*: Parecia que adivinhava... Ai meu Deus... parecia que adivinhava... Ai... Ai... Ai...

D. ROSA: Às vezes há pressentimentos. Há pressentimentos, Felismina. Quem tem a hora marcada... *(Pausa.)* Só depois é que a gente vê que o defunto já sabia.

D. FELISMINA *(chorando mais)*: ...A Belinha... A minha Belinha... nunca soube... nada... Nunca... Não soube ser solteira... não soube ser casada... ai a minha filha... Eu parecia que adivinhava... O meu sonho... o meu sonho na vida, desde que aquele malvado morreu.

D. PLACIDIA: Malvado?

D. CONCEIÇÃO: O marido.

D. FELISMINA: Ser sogra... eu tinha de ser sogra... eu precisava de ser avó... o meu sonho desfeito... ali... ali... *(aponta o cairão)* desfeito...

D. EDWIGES: Que horror, D. Felismina! Desfeito, não!... Até duram dias sem se desfazer... *(Levanta-se.)* Está mesmo tão linda, coitadinha... Com o rostinho tão alegre...

D. FELISMINA: A fazer pouco da minha

Í N D I C E

Prefácio: Cento e Vinte Anos de Literatura Teatral Portuguesa VII 657

<i>Introdução</i>	IX
1. <i>Interrogação sobre a existência de um teatro português — O teatro e a sociedade portuguesa</i>	XIII
2. <i>Síntese histórica: de Gil Vicente a Garrett</i>	XV
3. <i>Garrett e a restauração do teatro português</i>	XVI
4. <i>Primeiros encontros de Garrett com o teatro — A tragédia Catão e a geração liberal de 1820 — O exílio</i>	XVII
5. <i>O Auto de Gil-Vicente, início do teatro romântico — Dramas históricos — Uma obra-prima: o Frei Luis de Sousa — As últimas peças de Garrett</i>	XIX
6. <i>O equívoco do teatro histórico ultra-romântico</i>	XXI
7. <i>O melodrama histórico da década de 1839-50</i>	XXIII
8. <i>O melodrama social do meio-século — Gomes de Amorim, Camilo e a caricatura do ultra-romantismo</i>	XXVIII
9. <i>A comédia de costumes — Pinheiro Chagas e a sublimação do ultra-romantismo</i>	XXXII
10. <i>A questão do «Bom Senso e Bom Gosto» — A «geração de 70» e o teatro</i>	XXXIII
11. <i>Outros encontros da «geração de 70» com o teatro</i>	XXXVII
12. <i>Realismo e naturalismo — O anti-clericalismo no teatro português</i>	XXXIX
13. <i>Revivescência do teatro histórico — A Pátria de Junqueiro</i>	XLI
14. <i>O realismo dos Velhos de João da Câmara — Naturalismo em Marcelino Mesquita, Lopes de Mendonça e Júlio Dantas</i>	XLV
15. <i>Renovação da farsa com Gervásio Lobato e da comédia com Schwalbach — Dois géneros menores: a opereta e a revista</i>	XLVII

16. <i>O naturalismo entre 1900 e 1914 — Dois dramaturgos por acidente: Malheiro-Dias e Teixeira-Gomes</i>	XLVIII
17. <i>O «Teatro Livre» e um dramaturgo: Manuel Laranjeira — O «Teatro Moderno» e um encenador: Araújo Pereira</i>	L
18. <i>Vestígios do simbolismo em João da Câmara — O naturalismo impressionista de Raul Brandão</i>	LIII
19. <i>Dramaturgia simbolista de Eugénio de Castro, Fernando Pessoa e António Patrício</i>	LIV
20. <i>Situação do teatro português entre 1918 e 26</i>	LVI
21. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: Revivescência do teatro histórico e teatro regional</i>	LVIII
22. <i>Tendências dramáticas do após-guerra: A sátira de costumes</i>	LIX
23. <i>O teatro de Alfredo Cortez</i>	LXII
24. <i>A dramaturgia existencial de Raul Brandão — Teixeira de Pascoaes e o teatro</i>	LXIII
25. <i>O teatro português na década de 30</i>	LXV
26. <i>O modernismo no teatro português</i>	LXVIII
27. <i>O «Estúdio do Salitre» e o movimento experimental</i>	LXXII
28. <i>Situação actual do teatro português</i>	LXXIII
29. <i>O neo-realismo e o teatro — Autores contemporâneos</i>	LXXVIII
30. <i>Conclusão</i>	LXXIX

Antologia:

Almeida Garrett: Um Auto de Gil-Vicente	1
Gomes de Amorim: Figados de Tigre	21
Camilo Castelo Branco: O Morgado de Fafe em Lisboa	53
Pinheiro Chagas: A Morgadinha de Valflores	71
Gervásio Lobato: O Festim de Baltasar	105
Marcelino Mesquita: Dor Suprema	121
D. João da Câmara: Triste Viuvinha	143
✕ Manuel Fernandes Laranjeira: ...Amanhã	171
Henrique Lopes de Mendonça: O Azebre	189
Eduardo Schwalbach: Os Postigos	217
✕ Fernando Pessoa: O Marinheiro	275
Vitoriano Braga: Octávio	283
Carlos Selvagem: Entre Giestas	303
António Patrício: D. João e a Máscara	341
Ramada Curto: O homem que se arranjou	371
✕ Raul Brandão: O Avejão	397
António Botto: Alfama	403
Alfredo Cortez: Gladiadores	427
Vasco Mendonça Alves: Meu amor é traíçoero	449
Olga Alves Guerra: Tempos modernos	473
Joaquim Paço d'Arcos: O Ausente	493

× <i>Alves Redol: Maria-Emília</i>	519
× <i>Branquinho da Fonseca: Curva do Céu</i>	529
<i>José Régio: Benilde ou a Virgem-Mãe</i>	535
× <i>Almada Negreiros: Antes de começar</i>	559
→ × <i>João Pedro de Andrade: Continuação da comédia</i>	567
× <i>Jorge de Sena: Amparo-de-Mãe</i>	575
× <i>Luiz Francisco Rebello: O dia seguinte</i>	581
<i>Bernardo Santareno: A Promessa</i>	597
<i>Costa Ferreira: Um homem só</i>	623

Nota Final

Nota Bibliográfica

Índice dos Nomes Citados no Prefácio



Principais Correções

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
NO PREFÁCIO			
XVII	33	— composta em 1817, aos 18 anos —	— composta entre 1818 e 1820 —
XVII	36	1811	1816
XVII	37	quatro ou cinco anos depois	um ou dois anos depois
XVII	37	Como também não chegaram até nós	Apenas chegaram até nós
XXI	11	1948	1848
XXV	16	incluído	incluído
XXVI	33	realidade	natureza
XXXVIII	18	de Dumas (1870)	de Dumas filho (1870)
LII	7 e 8	Mário Allen	Mário Gollen
LIII	39	com seu irmão Júlio,	com Júlio Brandão,
LV	24	distintas do	distintas da do
LXI	12	(1931)	(1932)
LXI	30	(n. em 1887)	(n. em 1883)
LXIII	8	publicada também em 1939	publicada em 1944
LXVII	15	(n. em 1909)	(n. em 1908)
LXXI	20	obsediante	obsidiante
NA ANTOLOGIA			
1	39	Coisas e sérias	Coisas sérias
121	10-11	Uma anedota, Calvário	Uma anedota, <i>episódios em 1 acto</i> (1902); <i>O Rei Maldito, peça histórica em 5 actos</i> , e <i>A Noite do Calvário</i>
121	31	<i>solicitados, por</i>	<i>solicitados por</i>
187	19 (3.ª coluna)	para todas!	para todos!
353	1-2 (2.ª coluna)	passam assas	passam asas
371	9	Voz da cidade (1953)	Voz da cidade (1952)
427	7	Henri Josset	André Josset
575	17	causa	acusa
575	18-19	<i>épocas ad libitum, permutáveis</i>	<i>épocas, ad libitum permutáveis</i>
581	22	(1969)	(1961)
582	3	vento de angústia	vento da angústia

Na primeira página de gravuras dedicada a João da Câmara, a legenda alude por lapso ao actor João Rosa no papel de Afonso VI, quando deveria dizer-se: Augusto Rosa no papel de Simão Peres do drama *Afonso VI*.